



**VENDAS EM COMUM NAS COOPERATIVAS DE PRODUTORES AGRÍCOLAS DO ESTADO DE
SÃO PAULO**

Anna Perina Rabelo de Arruda

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Agricultura

Instituto de Economia Agrícola



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Agricultura
Instituto de Economia Agrícola

VENDAS EM COMUM NAS COOPERATIVAS DE PRODUTORES AGRÍCOLAS DO ESTADO DE
SÃO PAULO

Anna Perina Rabelo de Arruda

São Paulo
1979

ÍNDICE

1 - INTRODUÇÃO.....	1
2 - OBJETIVOS DA PESQUISA.....	2
3 - METODOLOGIA.....	3
4 - EVOLUÇÃO DO COOPERATIVISMO EM SÃO PAULO.....	3
4.1 - Principais Setores de Atividade.....	5
5 - VENDAS EM COMUM POR PRODUTO.....	6
5.1 - Soja.....	10
5.2 - Flores.....	10
5.3 - Trigo.....	11
5.4 - Óleos Vegetais.....	12
5.5 - Banana.....	13
5.6 - Laranja.....	14
5.7 - Aves.....	14
5.8 - Algodão.....	15
5.9 - Legumes e Hortaliças.....	16
6 - VENDAS EM COMUM POR CATEGORIA.....	17
6.1 - Agrícolas Mistas.....	17
6.2 - Laticínios.....	26
6.3 - Cafeicultores.....	30
7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
LITERATURA CITADA.....	35

VENDAS EM COMUM NAS COOPERATIVAS DE PRODUTORES AGRÍCOLAS DO ESTADO DE
SÃO PAULO

Anna Perina Rabelo de Arruda (1)

1 - INTRODUÇÃO

A comercialização dos produtos agrícolas compreende um conjunto complexo de operações, que consiste em trazer o produto de inúmeras propriedades agrícolas até ao consumidor.

Este conjunto de operações é socialmente organizado e, para a colocação dos seus produtos no mercado, o agricultor pode optar entre duas soluções: ação isolada ou ação de grupo.

Na ação isolada, o produtor coloca seu produto vendendo aos compradores da região, abastecendo diretamente os consumidores ou vendendo para a indústria que beneficia ou transforma o produto.

Na ação de grupo, o agricultor, procurando melhor defesa dos preços de seus produtos, coloca-os no mercado por intermédio de cooperativas ou através de outro tipo de sociedade de produtores.

A sociedade cooperativa agrícola distingue-se de uma sociedade comercial agrícola qualquer, pelos seguintes princípios:

- é uma sociedade cujos membros são, simultaneamente, produtores e utilizadores;

- é uma sociedade de pessoas e não de capitais, tendo por objetivo a prestação de serviços a seus membros, aos quais devem retornar as sobras (lucros) apuradas em balanço na proporção do movimento que cada um realizou com a sociedade;

- é uma sociedade democrática, cuja regra de vida é "cada homem, um voto"; e

- a adesão é livre e voluntária.

(1) A autora agradece a colaboração de Maria Magdalena Giordano Nucci na tabulação dos dados originais deste trabalho.

Cooperativas de produtores agrícolas são aquelas em cujo quadro associativo predominam os agricultores e pecuaristas. As cooperativas agrícolas brasileiras são regidas pela Lei Federal nº 5.764 de 16/12/1971, que define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas e normaliza as demais providências.

No Estado de São Paulo, essas cooperativas têm sido regidas pelos Decretos-Leis Federais nº22.239 (de 1932) e 581 (de 1938) até 1966; pela Lei nº59, de 1966 até 1971; e pela Lei Federal nº 5.764 (de 1971) a partir de 1972.

De acordo com a Lei Federal 5.764, as sociedades cooperativas podem ser consideradas singulares, centrais (ou federações) ou confederações. As cooperativas singulares são constituídas pelo mínimo de 20 (vinte) pessoas físicas, sendo excepcionalmente permitida a admissão de pessoas jurídicas que tenham por objeto atividades econômicas iguais ou correlatas às pessoas físicas ou, ainda, aquelas sem fins lucrativos; as cooperativas centrais ou federações são constituídas de, no mínimo, 3 (três) cooperativas singulares, podendo, excepcionalmente, admitir associados individuais: as confederações são formadas, pelo menos, de 3 (três) federações ou centrais de cooperativas, da mesma ou de diferentes modalidades ⁽²⁾.

As cooperativas singulares se caracterizam pela prestação direta de serviços aos associados (art. 7º), enquanto as centrais ou federações objetivam organizar, em comum ou em maior escala, os serviços econômicos e assistenciais de interesse das filiadas, integrando e orientando suas atividades, bem como facilitando a utilização recíproca dos serviços (art. 8º).

2 - OBJETIVOS DA PESQUISA

Esta pesquisa procura atualizar publicação anterior (1) sobre comercialização cooperativista realizada por produtores agrícolas do Estado de São Paulo, tendo em vista a inexistência de pesquisa sistemática relativa aos anos de 1964-72, período em que o Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM) passou a incidir também sobre as vendas em comum pelas cooperativas paulistas.

(2) No Estado de São Paulo não existe confederação de cooperativas de produtores agrícolas.

Os pontos principais que o trabalho destaca são:

- transformações ocorridas nas vendas em comum no período 1964-72;
- produtos agrícolas mais vendidos em 1972; e
- análise e quantificação da contribuição dada pelas Centrais das diferentes categorias de Cooperativas.

3 - METODOLOGIA

Os dados quantitativos da pesquisa foram colhidos nos questionários preenchidos no 2º semestre de 1973 pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), que procedeu ao levantamento, por censo, das Cooperativas do Estado de São Paulo.

A manipulação e apresentação dos dados aproximou-se, tanto quanto possível, daquelas constantes do trabalho anterior (1), sendo que a interpretação foi baseada na análise dos relatórios e balanços anuais, bem como dos balancetes mensais das Cooperativas, documentos esses arquivados no Departamento de Assistência ao Cooperativismo (DAC) da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Para completar a análise, foram realizadas inúmeras entrevistas, formais e informais, realizadas com dirigentes de diversas categorias de Cooperativas disseminadas pelo interior do Estado.

4 - EVOLUÇÃO DO COOPERATIVISMO EM SÃO PAULO

O quadro 1 apresenta as cooperativas paulistas de produtores agrícolas, distribuídas em categorias, com o respectivo número de associados e setores em atividade nos exercícios de 1964 e 1972. Em porcentagens, as categorias que se destacaram pelo aumento do número de cooperativas, no período, foram a de Eletrificação Rural e a de Plantadores de Cana e Usineiros; em números absolutos, acrescente-se a de Laticínios. Quanto ao número de cooperados, em porcentagem, a categoria que mais cresceu foi também a de Eletrificação Rural, seguida pela agropecuária; em números absolutos, destacaram-se a de Laticínios, a de Cafeicultores e a Agropecuária, com acréscimo de 7.589, 5.164 e 5.207 associados, respectivamente.

QUADRO 1. - Categorias de Cooperativas de Produtores Agrícolas do Estado de São Paulo, Número de Cooperativas em Atividade e de Cooperados em 1964 e 1972 e Setores em Atividades em 1972

Categoria	Cooperativas			Cooperados			Setores em atividade, 1972 (nº)				
	1964	1972	Variação de	1964	1972	Variação de	Vendas	Compras	Forn.	Benef. ou	Assist. t.éc.
	(nº)	(nº)	1964 para 1972 (%)	(nº)	(nº)	1964 para 1972 (%)	em comum	em comum	de consumo	ind. de produtos	ã produção
Cooperativas Singulares											
Agrícola mista	78	79	1,3	40.170	30.324	-32,5	64	68	49	17	18
Agropecuária	20	19	-5,3	3.824	9.033	136,2	4	14	4	5	1
Avicultores	10	6	-66,7	2.417	1.002	-41,2	5	5	1	1	1
Banicultores	7	4	-75,0	451	120	-275,8	1	-	-	-	-
Cafeicultores	24	24	-	6.688	12.852	92,2	18	22	5	18	14
Criadores de suíno	1	-	-	50	-	-	-	-	-	-	-
Eletrificação rural	4	26	550,0	2.019	6.467	220,3	-	-	-	-	-
Laticínios	31	38	22,6	12.381	19.970	61,3	37	33	9	10	14
Plantadores de algodão	1	-	-	79	-	-	-	-	-	-	-
Plant.cana e usineiros	5	11	120,0	3.953	4.716	19,3	3	9	1	1	5
Plant. oleaginosas	2	1	-50,0	1.076	552	-94,9	-	1	-	-	-
Triticultores	1	1	-	736	1.711	132,5	-	1	1	-	-
Subtotal	184	207	12,5	73.844	86.747	17,5	132	153	70	52	53
Cooperativas centrais											
Central agrícola	4	3	-33,3	9.558	1.484	-544,0	3	3	3	3	3
Central agropecuária	-	1	-	-	20	-	1	1	-	-	1
Central de banicultores	1	1	-	46	41	-12,2	1	1	1	1	-
Central de cafeicultores	2	2	-	15	28	86,7	1	-	-	-	1
Central de compras em Comum	-	1	-	-	20	-	-	1	-	-	-
Central de laticínios	1	1	-	18	26	44,4	1	-	-	1	-
Subtotal	8	9	12,5	9.637	1.619	-495,2	7	6	4	5	5
Total	192	216	12,5	83.481	88.366	5,9	139	159	74	57	58

Fonte: Instituto de Economia Agrícola, a partir dos dados primários do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

4.1 - Principais Setores de Atividade

O fator que historicamente mais tem influenciado o desenvolvimento cooperativista em São Paulo é constituído pelos estímulos e desestímulos constantes da legislação, principalmente naqueles aspectos que abrangem a isenção tributária, ampliação da área de ação das cooperativas, setor crédito e assistência contábil e administrativa estatal. Além destes, outros acontecimentos que influíram na agricultura paulista em geral tiveram, também, ação sobre as cooperativas de produtores, tais como o aumento da demanda dos produtos da agropecuária pela população urbana e a maior extensão de terras depauperadas. Também, outros fatores, tais como a extinção da oferta de terras virgens, o encarecimento da terra, a ampliação do consumo interno de produtos agrícolas, a maior oferta de veículos, maquinária, adubos, inseticidas e demais fatores de produção, e o desenvolvimento do sistema de transporte e armazenamento, principalmente, favoreceram a aceleração do processo de mudança da agricultura extensiva para a intensiva.

Neste processo, incluíram-se as cooperativas paulistas que, organizadas com o intuito de abastecer o mercado interno, desenvolveram o setor de vendas em comum e também o setor de compras, o que veio facilitar a aquisição pelos produtores agrícolas daqueles fatores indispensáveis à agricultura em larga escala, visando, principalmente, a produção de batatinha, tomate e a maioria dos legumes e verduras. Esses produtos exigem denso emprego de insumos, como adubos, inseticidas e máquinas. Posteriormente o setor de compras se estendeu à pecuária, com as compras em comum de aves de linhagem, pintos de um dia, rações, e produtos veterinários de toda espécie. Em 1960, em 162 cooperativas de produtores agrícolas, eram encontrados em atividades, no Estado, 89 setores de compras em comum; nos anos 1964 e 1972, estes setores aumentaram de 131 para 159, com crescimento de 21%.

O quadro 1 mostra, ainda, os principais setores de cooperativas singulares e centrais em atividade durante o exercício de 1972, podendo-se verificar que o setor mais utilizado é o de compras em comum, seguido pelo de vendas, consumo e beneficiamento ou industrialização de produtos e o de assistência técnica à produção.

Além dos setores estritamente ligados à produção, beneficiamento e distribuição dos produtos, determinadas cooperativas de produtores dispõem maior assistência aos associados em outros campos que não aqueles estritamente econômicos. Há cooperativas que prestam auxílio médico-hospitalar, bem como dispõem de gabinetes dentários e fornecem medicamentos a preços mais

baixos que no comércio. Tais serviços destinam-se aos cooperados e seus familiares, sendo também aproveitados pelos funcionários das respectivas cooperativas. Inclui-se, neste tópico, a orientação e assistência jurídica, contábil e fiscal que as cooperativas centrais prestam às suas filiadas e que estas oferecem a seus associados.

5 - VENDAS EM COMUM POR PRODUTO

No Estado de São Paulo, a produção agrícola que mais tem participado das vendas em comum das cooperativas é aquela que se destina ao abastecimento interno da população urbana, seguida pela encaminhada à exportação.

O quadro 2 apresenta o rol de produtos da agropecuária paulista vendidos por cooperativas, em 1972, com as respectivas porcentagens de vendas em relação ao total. Em 40 produtos vendidos, apenas três - leite, café e ovos - têm porcentagem maior de 10%, e somente doze apresentam porcentagem entre 1% e 7%, o que demonstra a grande variedade de produtos com que lidam as cooperativas.

Relacionando-se a produção da agropecuária cooperativista de 1964 com a de 1972 (quadro 3), vê-se que nesses dois anos aqueles três produtos - café, leite e ovos - mantiveram a mesma posição de primazia. Apenas variaram as porcentagens em relação ao total do Estado.

Assim, em 1964, o café vendido por cooperativas paulistas representou 80,3% do valor da produção anual de café do Estado, enquanto, em 1972, essa contribuição caiu para 13,0%. A alta porcentagem obtida em 1964 se explica, uma vez que a produção de café nesse ano foi muito baixa, tendo as cooperativas vendido cafés estocados de anos anteriores. Quanto ao total de café vendido por cooperativas em 1972, também não expressa a realidade da comercialização do produto neste ano, uma vez que a Cooperativa Central da Mogiana realiza, atualmente, a exportação de café através da PROEX (Produtores Exportadores S.A.), sociedade organizada com a finalidade de proceder à exportação de café com seu quadro associativo formado unicamente de sócios de cooperativas.

O leite, produto básico da alimentação humana, participando atualmente com cerca de 1,7% do custo de vida em São Paulo, contou, na produção do Estado, com 19,5% fornecidos por cooperativas em 1964 e 40,9% em 1972. O aumento da comercialização pelas cooperativas nesse período foi de 128%, en-

QUADRO 2. - Relação dos Produtos Vendidos por Cooperativas de Produtores Agrícolas do Estado de São Paulo e Valor da Produção Anual da Agricultura Paulista, 1972

Produto	Valor anual obtido pelas cooperativas nas vendas em comum	Participação do produto total das vendas pelas cooperativas	Valor da produção anual de 21 produtos da agricultura paulista	Participação das cooperativas no total do Estado
	(Cr\$1.000)	(%)	(Cr\$1.000)	(%)
Leite	323.932,41	22,11	790.500,00	40,97
Café	255.211,28	17,42	1.924.182,00	13,26
Ovos	168.401,76	11,49	550.800,00	30,57
Batata	104.043,94	7,10	219.786,00	47,33
Algodão	94.965,01 ⁽¹⁾	6,48	752.400,00 ⁽²⁾	12,62
Legumes e hortaliças	79.851,20	5,45	458.414,00 ⁽⁴⁾	17,41
Aves	57.092,42	3,90	451.758,00	12,62
Frutas	53.021,24	3,62	384.479,00 ⁽⁴⁾	13,79
Prods. indust. óleos	43.477,31	2,97	-	-
Tomate	41.651,49	2,84	280.356,00	14,85
Banana	41.538,35	2,83	55.440,00	74,92
Manteiga	31.475,72	2,16	-	-
Soja	21.043,43	1,44	134.687,00	15,62
Farelo	20.473,43	1,40	-	-
Queijo	17.713,26	1,21	-	-
Flores	11.578,95	0,79	-	-
Laranja	10.833,76	0,74	382.410,00	2,83
Cana-de-açúcar	8.867,77	0,61	-	-
Arroz	8.381,65 ⁽³⁾	0,57	525.822,00	1,59
Rami	7.073,47	0,48	-	-
Outros deriv. do leite	6.677,48	0,45	-	-
Trigo	6.008,10	0,41	20.391,50	29,46
Amendoim	5.745,25	0,39	394.740,00	1,45
Creme de leite	5.594,90	0,38	-	-
Carvão vegetal	5.561,75	0,37	22.446,00 ⁽⁵⁾	24,77
Chá	5.219,94	0,35	9.110,00	57,28
Cebola	4.957,80	0,34	62.330,00	7,95
Leite em pó	4.444,75	0,32	-	-
Milho	3.604,29 ⁽³⁾	0,25	840.000,00	0,42
Cereais	3.370,51	0,23	-	-
Eucalipto	1.390,46	0,10	-	-
Produtos empacotados	624,31	0,04	-	-
Produtos elaborados	613,86 ⁽⁶⁾	0,04	-	-
Vinhos	589,82	0,04	-	-
Carne suína	502,75	0,03	172.522,00	0,30
Feijão	303,47 ⁽³⁾	0,02	151.905,00	0,19
Bovinos	267,19	0,02	-	-
Mandioca	123,04	0,01	-	-
Alho	24,40	-	-	-
Girassol	20,73	-	-	-
Outros produtos	8.767,15	0,60	-	-
Total	1.465.039,80	100,00		

(¹) Algodão em caroço e em pluma.

(²) Algodão em caroço.

(³) Dados preliminares, pois algumas cooperativas incluem em cereais.

(⁴) Produtos entrados no CEASA em 1972.

(⁵) Dados do EAPA, Ministério da Agricultura.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola, a partir dos dados primários do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

QUADRO 3. - Produtos Vendidos por Cooperativas de Produtores Agrícolas, em Valor Corrente e em Valor Real de 1972, Estado de São Paulo, 1964-72

Produto	Valor corrente				Valor em Cr\$1.000 de 1972 ⁽²⁾		
	1964		1972		1964	1972	Variação per centual 1972/1964
	Cr\$1.000	%	Cr\$1.000	%			
Leite	19.097,19	12,54	323.932,41	22,11	142.083,09	323.932,41	128
Café	45.103,25	29,62	255.211,28	17,42	335.568,18	255.211,28	-24
Ovos	18.106,22	11,89	168.401,76	11,49	134.710,27	168.710,27	25
Batata	14.097,69	9,26	104.043,94	7,10	104.886,81	104.043,94	-1
Algodão	7.024,41	4,61	94.965,01	6,48	52.261,61	94.965,01	81
Legumes e hortaliças	8.042,77	5,28	79.851,20	5,45	59.838,20	79.851,20	33
Aves	3.189,04	2,58	57.092,42	3,90	29.179,45	57.092,42	95
Frutas	3.058,71	2,01	53.021,24	3,62	22.756,80	53.021,24	133
Prods. indust. óleos	1.998,77	1,31	43.477,31	2,97	14.870,84	43.477,31	192
Tomate	9.128,57	5,99	41.651,49	2,84	67.916,66	41.651,49	-39
Banana	1.991,57	1,31	41.538,35	2,83	14.817,28	41.538,35	180
Manteiga	3.189,04	2,09	31.475,72	2,16	23.726,45	31.475,72	32
Soja	185,16	0,12	21.043,43	1,44	1.377,59	21.043,43	1.427
Queijo	1.243,70	0,82	17.713,26	1,21	9.253,12	17.713,26	91
Flores	17,41	0,01	11.578,95	0,79	129,53	11.578,95	8.839
Laranja	561,89	0,37	10.833,76	0,74	4.180,46	10.833,76	159
Arroz	2.305,30	1,51	8.381,65	0,57	17.158,87	8.381,65	-51
Rami	930,36	0,61	7.073,47	0,48	6.921,87	7.073,47	2
Outros deriv. do leite	681,93	0,45	6.677,48	0,45	5.073,55	6.677,48	31
Trigo	9,74	0,01	6.008,10	0,41	72,46	6.008,10	8.192
Amendoim	1.144,56	0,75	5.745,25	0,39	8.515,52	5.745,25	-33
Creme de leite	351,97	0,23	5.594,90	0,38	2.618,65	5.594,90	113
Chá	1.371,41	0,90	5.219,94	0,35	10.203,29	5.219,94	-49
Cebola	1.146,33	0,75	4.957,80	0,34	8.529,69	4.957,80	-42
Leite em pó	485,08	0,32	4.444,75	0,32	3.608,99	4.444,75	23
Milho	1.369,99	0,90	3.604,29	0,25	10.192,72	3.604,29	-65
Vinhos	332,97	0,22	589,82	0,04	2.477,29	589,82	-77
Carne suína	267,89	0,18	502,75	0,03	1.993,10	502,75	-75
Feijão	1.123,33	0,74	303,47	0,02	8.357,57	303,47	-97
Bovinos	1.893,05	1,24	267,19	0,02	14.084,29	267,19	-98
Alfafa	181,13	0,12	-	-	1.347,60	-	-
Mandioca	29,74	0,02	123,04	0,01	221,60	123,04	-45
Casulos	86,38	0,06	-	-	642,66	-	-
Fubá	50,19	0,03	-	-	373,41	-	-
Mamona	34,15	0,02	-	-	254,07	-	-
Alho	56,12	0,04	24,40	-	417,53	24,40	-94
Girassol	49,29	0,03	20,73	-	366,71	20,73	-94
Mel	15,62	0,01	-	-	116,21	-	-
Diversos	833,34	0,55	40.902,09 ⁽¹⁾	2,79	6.200,04	40.902,09	559
Outros produtos	769,79	0,51	8.767,15	0,60	5.727,23	8.767,15	53
Total	152.288,98	100%	1.465.039,80	100%	1.133.031,16	1.465.039,80	29

⁽¹⁾ Faveleto, 20.473,43; cana, 8.867,77; carvão vegetal, 5.561,75; cereais diversos, 3.370,51; eucalipto, 1.390,46; produtos empacotados, 624,31; produtos elaborados, 613,86. Total 40.902,09.

⁽²⁾ Corrigido pelo Índice "2" de "Conjuntura Econômica", da Fundação Getúlio Vargas.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola, a partir de dados primários do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

quanto a produção paulista aumentou 19% (4). O aumento da produção leiteira e o crescimento da comercialização cooperativista neste setor devem-se, principalmente, ao aumento do consumo na Cidade de São Paulo e no Vale do Paraíba, onde se instalaram, no período estudado, grandes unidades industriais, sendo que a maioria das cooperativas de laticínios têm tido como principal função o suprimento do leite "in natura" destas duas regiões. Concomitantemente ao aumento da distribuição de leite "in natura" pelas cooperativas, cresceu também a produção dos produtos derivados do leite, como creme de leite (113%), queijo (91%), manteiga (32%) e outros derivados do leite (31%). Ao todo, os derivados do leite produzidos por cooperativas tiveram aumento bruto de 111%.

Os ovos, outro dos três produtos mais vendidos por cooperativas no período de 1964-72, constituem outra especialização na comercialização, e sua produção por cooperados tem-se processado através da integração da avicultura. Esta teve por base a organização desde a aquisição de matrizes, produção de pintos, rações e suplementos até a comercialização final de ovos, determinando a regularidade da entrada do produto para facilidade das vendas em comum. As vendas de ovos por cooperativas, no Estado, aumentaram 25% no período 1964-72, enquanto a produção paulista cresceu 39% no mesmo período.

Em relação à produção para abastecimento interno, somando-se os dez produtos de maior volume de vendas, como leite "in natura, ovos, batata, legumes e hortaliças, frutas, tomate, frangos de corte, laranja, cebola e feijão, os produtores associados a cooperativas contribuem com 22% do total do Estado; os produtos tradicionais de exportação, como café, algodão, banana, amendoim, soja em grão e em farelo, contribuem com 13%.

Comparando-se a produção comercializada pelas cooperativas nos anos de 1964 e 1972 em valores constantes (quadro 3), nota-se que dezesseis produtos tiveram suas vendas aumentadas, destacando-se o feijão soja com 1.427%; flores com 8.839%; trigo com 8.192%; óleos industrializados com 192%; banana com 180%; laranja com 159%; frutas diversas com 133%; leite com 128%; creme de leite com 113%; aves com 95%; queijo com 91%; algodão com 81%; legumes e hortaliças com 33%; manteiga com 32%; e outros derivados do leite com 31%.

5.1 - Soja

O aumento da produção da soja nas cooperativas paulistas é um reflexo do crescimento do consumo mundial, no período 1968-72, o qual aumentou 65%, passando de 8,3 para 13,7 milhões de toneladas (7, p.5-68).

Em São Paulo a soja "in natura" vendida por cooperativas representa 15,6% do valor da produção total do Estado, sendo que as sociedades que contribuíram para a sua produção foram as seguintes, com sua participação em sacos por 60kg: Coop. Agrícola de Cotia-Coop. Central, 241.999; Coop. Central Agrícola "Sul Brasil", 27.422; Coop. Agrícola de Pedrinhas (Cruzália), 70.000; Coop. Agrícola Colônia Riograndense (Maracaí), 65.752; Coop. dos Agricultores de Orlandia, 118.000; Coop. dos Imigr. e Coloniz. "Holambra" (Parranapanema), 49.458; e Coop. Agropecuária "Holambra" (Jaguariúna), 19.682.

O total de 592.313 sacas de 60kg (ou seja, 35.539t), no entanto, não expressa a quantidade total de soja vendida através das cooperativas, porque ainda há a acrescentar o farelo e o óleo de soja. Para a produção de soja, os cooperados encontram na cooperativa assistência agrônômica, insumos a prazo e sementes, além das facilidades para comercialização do produto. Nas maiores organizações, após a colheita, a soja é armazenada em silos graneleros equipados com secadores e serviços de pré-limpeza e expurgo.

5.2 - Flores

A produção de plantas ornamentais é relativamente insignificante no comércio mundial, embora a produção de bulbos e sementes seja importante nos Países Baixos. Os países onde atualmente mais se desenvolve a cultura de flores são Holanda, França, Alemanha, Japão e Estados Unidos, os quais, apesar de terem desenvolvido uma técnica aprimorada, não têm condições de suprir o mercado interno por ocasião do inverno. O maior mercado de flores da Europa situa-se na Alemanha Ocidental, em cujas terras o plantio aumentou consideravelmente, e onde vêem-se estufas gigantescas e grandes campos de flores, que antigamente eram características da Holanda. Mesmo com essa produção, a República Federal da Alemanha importa cada vez mais flores de fornecedores holandeses, italianos, belgas, franceses, dinamarqueses e israelenses, e situa-se em primeiro lugar entre os países consumidores, juntamente

com a Suíça e a Dinamarca (3).

No Brasil, a floricultura econômica se desenvolveu recentemente, sendo o Estado de São Paulo o maior produtor, seguido pelo Estado do Rio de Janeiro. No Estado de São Paulo, a Fazenda Roselândia, formada por alemães, é considerada a maior produtora de rosas da América Latina e a Cidade de São Paulo, o maior centro consumidor.

Neste Estado, na produção e comercialização cooperativa de flores, tem importância significativa a colônia holandesa, que desenvolveu principalmente o cultivo de gladiolos, sendo a responsável pela introdução de bulbos da Holanda e sua produção em grande escala.

As cooperativas que procederam ao comércio de vendas de flores em 1972, com sua contribuição dada em cruzeiro, foram: Coop. Reg. Agríc. Mista de Itapeti (M. Cruzes), 389.573,00; Coop. Agr. Mista de Moji das Cruzes, 851.780,00; Coop. Agrop. "Holambra" (Jaguariūna), 10.297.606,00; e Coop. de Imig. e Coloniz. "Holambra" (Paranapanema), 40.000,00.

Nas cooperativas com predominância de associados descendentes de nipônicos (sediados em Moji das Cruzes), a preferência é pelo cultivo de rosas, seguida por gladiolos e margaridas; nas cooperativas holandesas predomina o cultivo de gladiolos. As vendas das diversas qualidades de flores na Cooperativa Agropecuária "Holambra" atingiu, nesse ano, cerca de 30% das vendas em comum dessa entidade, tendo aumentado 360% de 1970 a 1972, destinando-se o produto unicamente ao suprimento do mercado interno.

5.3 - Trigo

Os países maiores produtores mundiais de trigo são Rússia, com a proximadamente 29%, e Estados Unidos, com 12%. O Brasil situa-se como dependente da importação desse cereal, pois em 1972, para um consumo anual de cerca de 3 milhões de toneladas e com uma previsão de safra de 2 milhões de toneladas, obteve a colheita de apenas 685 mil toneladas, a mais baixa dos últimos 6 anos. A preocupação do Governo, no entanto, é reduzir as importações através de estímulos de preços, facilidades de crédito e assistência técnica. O Estado de São Paulo, terceiro produtor brasileiro, vem aumentando a área plantada em trigo, tendo deslocado o plantio, que antes se processava unicamente no Sul do Estado (Itapetininga, Capão Bonito e Itapeva), onde os solos são de baixa produtividade, para o Vale do Paranapanema (região

de Assis) que apresenta solos mais férteis. Nessa região é possível a rotação soja-trigo, culturas anuais, com maior aproveitamento das máquinas (5).

O trigo produzido por cooperados paulistas e vendido em comum é também proveniente da "nova zona" do trigo, e foi comercializado pelas seguintes cooperativas do Estado, contribuição em sacas de 50kg: Coop. Agríc. Mista Cândido Mota (Cândido Mota), 2.743; Coop. Agríc. de Pedrinhas (Cruzália), 105.612; Coop. Agríc. da Colônia Rio Grandense (Maracá), 65.752; Coop. Agríc. de Imig. Coloniz. "Holambra" (Paranapanema), 2.500.

Os incentivos à produção do trigo, fornecidos pelo Banco do Brasil às cooperativas, têm sido destinados aos seguintes fins: desmatamento, importação de máquinas semeadeiras e colhedeiras, construção de silos graneleiros e aquisição de insumos. Além dessas facilidades, as cooperativas mantêm ativo o setor de consumo. Toda a produção é vendida para o Banco do Brasil.

5.4 - Óleos Vegetais

A Cooperativa Agrícola de Cotia - Cooperativa Central, é a única cooperativa que produz óleos vegetais. Destinam-se principalmente ao consumo alimentar e são derivados da soja, amendoim e algodão. Segundo dados fornecidos por essa Central, em 1972 foram produzidos 6.660.696kg de óleo de amendoim, dos quais 32% foram exportados; o óleo de soja atingiu o montante de 8.315.935kg e se destinou ao consumo interno; o óleo de algodão chegou a 471.058kg e também destinou-se ao consumo interno. A industrialização se processa através de firmas deterceiros, com contrato de locação de serviços.

A atenção das cooperativas aos produtos industrializados deverá aumentar devido às facilidades que foram introduzidas com a nova orientação dada à política cooperativista pelo Conselho Nacional de Cooperativismo, que, na regulamentação dos artigos 85 e 86 da Lei Federal 5.764 de 16/12/71, permitiu que as cooperativas completem os lotes destinados à exportação com mercadoria adquirida de não cooperados, estabelecendo que essa complementação seria limitada a 30% do maior montante anual de exportação nos três últimos exercícios, a fim de que as cooperativas possam completar lotes de comercialização contratados e suprir capacidade ociosa de suas instalações industriais.

5.5 - Banana

O Brasil é o maior produtor mundial, seguido do Equador (primeiro exportador), Índia, Tailândia, Honduras e México. A banana é cultivada em quase todos os Estados brasileiros, sendo que o intercâmbio comercial é pequeno, com a produção voltada mais para o atendimento do consumo regional, com exceção de São Paulo, que participa ativamente no suprimento de banana nanica para Estados vizinhos, e recebe banana maçã de Minas Gerais. Ao mesmo tempo, São Paulo contribui com quase a totalidade de banana brasileira exportada (7).

O total de bananas vendidas por cooperativas atingiu 74,9% da produção do Estado, em cruzeiros. A exportação por cooperativas foi, aproximadamente, 56% em relação ao volume exportado pelo Estado. A alta porcentagem, em valor, obtida pelas cooperativas em suas vendas de banana deriva do beneficiamento do produto através da climatização, o que lhes dá a oportunidade de obtenção de melhores preços, seja no mercado interno (através das vendas em caminhões no CEAGESP) ou pela exportação para países do Prata, principalmente para o mercado argentino. As maiores cooperativas exportadoras - Central Agrícola de Cotia e Central dos Bananicultores - possuem escritórios em Buenos Aires e Montevidéu.

Os principais entraves à produção de banana, apresentados pelas cooperativas, têm sido a baixa capacidade aquisitiva do bananicultor, o aumento constante de preços de insumos (adubos e óleo para o combate à sigatoka), o alto custo da mão-de-obra e de outros materiais, aliados à oscilação do mercado e dos preços baixos na época de maior produção.

As vantagens que as cooperativas apresentam aos seus associados na comercialização da banana, além da câmara de climatização, são as seguintes: fornecimento de insumos a prazo através da seção de compras; controle do transporte internacional da banana, através de contratos com transportadoras; escoamento contínuo da produção, e assistência geral no cultivo e preparo do produto para a venda. Em anos recentes, a banana passou a ser vendida pelos bananicultores em pencas ou cachos já acondicionados em caixas (volume). As cooperativas que comercializaram bananas em 1972, com sua contribuição expressa em caixas de 29kg, foram: Coop. Central do Bananic. do Estado de São Paulo, 4.786.856; Coop. Agrícola de Cotia - Coop. Central, 1.379.061; e Coop. Mista Regional de Santos, 85.263.

5.6 - Laranja

Os cítricos tiveram sua produção bastante aumentada nos últimos decênios, contribuindo para tanto a adoção de novos hábitos alimentares, a industrialização e crescente urbanização, além da compreensão acerca do valor nutritivo da fruta. Para fins de análise, os produtores estão divididos em três grupos: América do Norte, América Central, Região Meriditerrânea e demais regiões (África, Ásia, América do Sul e Oceania), destacando-se os Estados Unidos como primeiro produtor mundial, seguido pelo Brasil que se colocou em segundo lugar.

O comércio internacional, que cobre 20% da demanda, teve um crescimento de 5% ao ano no período 1960-70, destacando-se as vendas de "grapefruit" e de produtos industrializados, sendo que, para estes últimos, os principais fornecedores foram Brasil, Israel e Estados Unidos, enquanto que no comércio de fruta fresca destacaram-se os países do Mediterrâneo (7, p.5-50, 51).

A produção paulista de laranja, estimada para 1971/72, atingiu 60,7 milhões de caixas, com exportação total de suco de 91.121 toneladas, pelo Porto de Santos (7, p.5-50, 51).

No total produzido pelo Estado, as cooperativas paulistas contribuíram com as seguintes quantidades em caixas de 40,8kg: Coop. Agrícola Mista de Araras, 673.533; Coop. Agropecuária "Holambra", 603.626; Coop. Agrícola de Cotia - Coop. Central, 97.427; Coop. Central Agrícola "Sul Brasil", 25.659; e Coop. Agrícola Mista de Itapeti, 690.

A produção de laranja por produtores associados às cooperativas vem crescendo, tendo aumentado, na Cooperativa Agrícola Mista de Araras, 123%, entre 1970 e 1972, e 69% na Cooperativa Agropecuária "Holambra", no mesmo período. Essa produção é vendida às indústrias produtoras de suco.

5.7 - Aves

O aumento das vendas em comum de aves (frango de corte) por cooperativas tem acompanhado a evolução observada em São Paulo, que é o maior Estado produtor de frango do País, e reflete também a situação mundial de carne de aves, que apenas no ano de 1970/71 cresceu 13% (7).

Em 1968, quando as cooperativas encontravam-se em fase de reorganização pelo advento das Leis Federais 59/66 e 5.172/66 (ICM) - apesar da queda nas vendas em comum, a carne de aves foi um dos poucos produtos que mostrou aumento. A comercialização de aves de corte, como a de ovos, tem tido sucesso nas cooperativas devido à integração da produção avícola, que conta com uma estrutura bem organizada para a produção e fornecimento de rações balanceadas aos cooperados, assistência técnica completa, fornecimento de medicamentos, etc.

No ano de 1972, o aumento do consumo de carne de aves deveu-se também aos incentivos à exportação de carne bovina, concedidos pelo Governo Federal, e ao movimento, de âmbito nacional, no sentido de aumentar o consumo interno de aves e ovos, em substituição à carne bovina.

As cooperativas que comercializaram carne de aves em 1972, e sua contribuição em quilograma, foram: Coop. Agrícola de Cotia - Cooperativa Central 12.279.019; Coop. Central Agrícola Sul Brasil, 1.623; Coop. Col. Imigração "Holambra", 53.788; Coop. Agro-Avícola Laranjeira, 198.483; Coop. Agropecuária "Holambra", 1.554.500; Coop. Agrícola de Cotia - Oeste de São Paulo, 330.879; Coop. Agrícola de Cotia - Cinturão Verde - São Paulo, 621.826; e Coop. Agrícola de Cotia - Norte de São Paulo, 1.933.404.

Toda a produção de aves por cooperativas se destina ao mercado interno, possuindo as duas maiores produtoras - Coop. Agrícola de Cotia - Coop. Central, e Agropecuária Holambra - instalações onde as aves são abatidas, em baladas e frigorificadas mecanicamente. Não tem havido problemas de comercialização, pois os eventuais estoques de aves frigorificadas, resultantes dos meses de maior produção, escoam-se normalmente no fim do ano. De acordo com as cooperativas, não tem havido condições competitivas para vendas ao exterior, sendo citada, como um dos entraves, a falta de subsídio governamental, a exemplo de outros países exportadores de aves frigorificadas.

5.8 - Algodão

As cooperativas paulistas que tradicionalmente comercializam o algodão são as mais antigas do Estado, e melhor assessoradas, dispondo para esse fim de uma estrutura bem montada para canalizar a produção dos seus cooperados. Entre elas, estão a Central Agrícola de São Paulo e a Cooperativa Agrícola de Cotia que, neste ano de 1972, comercializaram 57,53%

da produção algodoeira cooperativa e 7,26% do Estado. A de Cotia, além de proceder à venda através da exportação, ainda industrializa o caroço de algodão para obtenção do óleo.

As cooperativas que venderam algodão em 1972, e sua contribuição, em arroba, de algodão em caroço e em pluma, respectivamente, foram: Coop. Central Agropecuária - Campinas, 421.233, 416.760; Coop. Central Agrícola de São Paulo, 316.156, 139.590; Coop. Agríc. de Cotia - Coop. Central, 645.264, 483.451; Coop. Agríc. de Pedrinhas - Cruzália, 206.520 em caroço, somente; Coop. Reg. Agricult. A. Mogiana - R. Preto, 411.168, 170.440; Coop. Mista dos Agricultores de Birigüi, 298.178, em caroço; Coop. Alta Araraquarense - Fernandópolis, 71.309, em caroço; Coop. Mista do Vale do Tietê - Ibitinga, 350.000, em caroço; Coop. Agrícola Faz. Aliança - Mirandópolis, 395 em caroço; Coop. Imig. e Coloniz. "Hoiambra" - Paranapanema, 482.000 em caroço; Coop. Faz. Tietê - Pereira Barreto, 92.383 em caroço; Coop. C. Agrop. do Brasil Central - Araçatuba, 19.661, em pluma; Coop. C. Agrop. "Hoiambra" - Jaquariúna, 106.212, em caroço; Coop. Agropec. Mista de Mogi Mirim, 52.104, em caroço; e Coop. Agr. Mista da Alta Sorocabana - Presidente Wenceslau, 293.029, em caroço.

O algodão, depois de beneficiado em instalações das cooperativas, é vendido no mercado interno sob forma de caroço industrial, semente e algodão em pluma. Somente o algodão em pluma é exportado. Além desses serviços os cooperados encontram insumos a prazo e assistência agrônômica e financeira.

5.9 - Legumes e Hortalças

Esta produção se destina, em sua maior parte, a suprir a população da Capital, embora, neste setor, a cidade de São Paulo funcione também como centro redistribuidor para o interior do Estado e para o País.

As cooperativas que procederam à venda de legumes e hortalças em 1972, e sua contribuição em cruzeiro, foram: Coop. Central Agrícola de São Paulo, 72.840,00; Coop. Agrícola de Cotia - Coop. Central, 43.933.311,00; Coop. Central Agrícola Sul Brasil, 8.746.050,00; Coop. Agrícola Mista de Campinas, 377.357,00; Coop. Agrícola Mista de Mairinque, 809.437,00; Coop. Reg. Agr. Mista de Itapetí-M. das Cruzes, 3.720.474,00; Coop. Agrícola Mista de Moji das Cruzes, 666.316,00; Coop. Norte de São Paulo, 191.457,00; Coop. Mis

ta Agro Moji de Moji das Cruzes, 315.545,00; Coop. Agrícola de Ourinhos, 221,00; e Coop. Reg. Agrícola de Mauá - São Paulo, 4.595.263,00.

6 - VENDAS EM COMUM POR CATEGORIA

Dentre as oito categorias de cooperativas que funcionaram com setor de vendas em comum em 1964 (Agrícolas Mistas, Agropecuárias, Avícolas, de Bananicultores, de Cafeicultores, de Criadores de Suínos, de Laticínios e de Triticultores), duas delas - a de Criadores de Suínos e a de Triticultores - não apresentaram essa atividade em 1972 (quadro 4). A de Criadores de Suínos foi dissolvida e a de Triticultores, neste ano, apenas realizou movimento no setor de compras em comum.

Devido à maior participação nas vendas, por cooperativas, daqueles produtos já abordados neste estudo, o movimento financeiro das vendas em comum, em 1972, superou em 29% o de 1964 (quadro 3).

Outra particularidade é que as vendas das cooperativas singulares, em 1964, são expressivamente maiores do que em 1972 (quadro 4). Isto se deu porque, a partir de 1967, a Cooperativa Agrícola de Cotia se transformou em Cooperativa Central, passando o seu movimento a ser computado entre o das Centrais Agrícolas.

6.1 - Agrícolas Mistas

Esta categoria é a que apresenta maior porcentagem de vendas em comum de 1972, contribuindo com 46,0% entre as organizações de 1ª grau e 64,0% entre as Centrais (quadro 4). Aliás, isto acontece porque, nesta categoria, nas atividades do setor de vendas, as duas classes de cooperativas (de 1ª e 2ª graus) se completam, uma vez que aqui estão incluídas as três Centrais Agrícolas do Estado, que comercializam na Capital a produção de suas associadas sediadas em diversas localidades no interior e em estados vizinhos.

O total de vendas em comum, nesta categoria, atingiu Cr\$759.277.400,00, incluídas e discriminadas neste resultado (quadro 5) as importâncias relativas a cooperativas agrícolas centrais e associadas e a

QUADRO 4. - Vendas em Comum das Cooperativas de Produtores Agrícolas do Estado de São Paulo, por Categoria, em 1964 e 1972, em Valor Corrente e Valor de 1972

(em Cr\$1.000)

Item	Valor corrente		Em valores de 1972 ⁽¹⁾				Porcentagem 1972/1964 ⁽²⁾
	1964	1972	1964		1972		
			Valor	%	Valor	%	(%)
Cooperativas Singulares							
Agrícolas Mistas	74.415,51	431.663,50	522.992,60	54,81	431.663,50	46,06	83
Agropecuárias	3.386,65	32.376,50	23.801,40	2,49	32.376,50	3,45	136
Avícolas	1.213,44	20.239,10	8.828,10	0,93	20.239,10	2,16	229
Banicultores	1.519,10	387,20	10.675,60	1,12	387,20	0,04	4
Caficultores	29.702,10	150.587,30	208.746,50	21,87	150.587,30	16,07	72
Criadores de suínos	161,94	-	1.137,90	0,12	-	-	-
Laticínios	25.298,93	293.020,50	177.801,00	18,63	293.020,50	31,27	165
Plantadores de cana	-	8.866,80	-	-	8.866,80	0,95	138
Plant. de Oleaginosas	-	-	-	-	-	-	-
Triticultores	45,80	-	321,90	0,03	-	-	-
Subtotal	135.743,38	937.140,90	954.305,00	100,00	937.140,90	100,00	98
Cooperativas Centrais							
Centrais Agríc.Mistas	21.381,66	666.034,30	150.270,40	38,88	666.034,30	64,05	443
Cent. Agropecuárias	-	39.833,10	-	-	39.833,10	3,83	136
Cent. Banicultores	517,66	32.289,90	3.638,10	0,94	32.289,90	3,10	888
Cent. Caficultores	17.811,32	34.743,60	125.178,10	32,39	34.743,60	3,34	28
Cent. Laticínios	15.281,61	267.042,40	107.399,30	27,79	267.042,40	25,68	249
Subtotal	54.992,25	1.039.943,30	386.485,90	100,00	1.039.943,30	100,00	269
Total geral	190.735,63	1.977.084,20	1.340.709,90	100,00	1.977.084,20	100,00	

⁽¹⁾ Inflacionado pelo Índice "2" da Fundação Getúlio Vargas.

⁽²⁾ 1964=100, em valores de 1972.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola, a partir de dados primários do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

QUADRO 5. - Vendas em Comum pelas Cooperativas Agrícolas Mistas do Estado de São Paulo, 1972

(em mil cruzeiros)

Item	Valor	%
Cooperativas Singulares		
Cooperativas independentes	141.167,17	32,70
Cooperativas Associadas à Cotia	175.457,02	40,64
Cooperativas Associadas à Sul Brasil	67.686,26	15,68
Cooperativas Associadas à São Paulo	47.353,07	10,98
Subtotal	431.663,52	100,00
Cooperativas Centrais		
Cooperativa Central de Cotia	506.609,22	76,06
Cooperativa Central Sul Brasil	97.856,76	14,70
Cooperativa Central de São Paulo	61.568,30	9,24
Subtotal (1)	666.034,28	100,00
Total Geral (1)	1.097.697,80	

(1) Neste total estão incluídos os produtos que foram remetidos pelas cooperativas singulares às cooperativas Centrais, o que ocasionou a duplicidade do valor das vendas daqueles produtos. Excluída essa dupla saída de produtos, o total real de vendas pela categoria das Agrícolas Mistas é de Cr\$759.277.400,00.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola, a partir de dados primários do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

cooperativas independentes.

- Cooperativas Centrais Agrícolas e Associadas

Estas cooperativas - Central Agrícola de São Paulo, Central Agrícola "Sul Brasil" e Cooperativa Agrícola de Cotia-Cooperativa Central - estão sediadas na Capital de São Paulo, onde recebem e redistribuem a produção de 92 associadas singulares, que se encontram no interior do Estado, norte e Capital do Paraná, em Mato Grosso e Rio de Janeiro. As figuras 1 a 3 dão uma idéia da distribuição geográfica das Centrais Agrícolas e também da localização de seus depósitos e postos de vendas. Essas Centrais, que constituem as mais poderosas cooperativas do Estado, têm seu quadro administrativo formado com mais de 50% de japoneses.

Estas Centrais, bem assessoradas e bem dirigidas desde o seu início, tiveram oportunidade de beneficiar-se das isenções tributárias concedidas pelas leis federais e estaduais, no período de 1932 a 1967, quando grandes incentivos foram concedidos às cooperativas.

Atendendo ao número considerável de cooperativas associadas, com problemas e situações diferentes, frente às condições peculiares de cada região, as Centrais Agrícolas formam, cada uma, um organismo complexo que exige quadro administrativo, assessores e técnicos em seus departamentos diversos.

A Central Agrícola de São Paulo já foi fundada como Central, lidando pequeno grupo de cooperativas situadas em localidades do interior; a Central Agrícola Sul-Brasil foi inicialmente organizada como cooperativa singular denominada Cooperativa Agrícola de Juqueri, a qual se transformou em Central com o nome de "Sul-Brasil", em 1954; e, finalmente, a Central Agrícola de Cotia, fundada em 1927, transformou-se em Central em 1967, por força da Lei Federal nº959/66.

a) Cooperativa Central Agrícola de São Paulo e associados: este grupo é composto por quarenta cooperativas de 1º grau, das quais dezesseis ⁽³⁾ tiveram ativo o setor de vendas nesse ano de 1972, através da Central ou

⁽³⁾ Coop. Agríc. Mista de Cafelândia (Cafelândia); Coop. Mista de Bastos (Bastos); Coop. Agríc. da Fazenda Tietê (Pereira Barreto); Coop. Agríc. Fazenda Aliança (Mirandópolis); Coop. Agríc. de Marília (Marília); Coop. Agríc. de Ourinhos (Ourinhos); Coop. de Latic. Latvia de Varpa (Tupã); Coop. Agríc. Sul de Goiás (Morrinhos-Goiás); Coop. Agríc. Várzea Alegre, (Campo Grande Mt.Sul); Coop. Agríc. Videirense (Videira-Sta Catarina); Coop. de Hortigranjeiros (Campinas); Coop. Agríc. de Pacaembu (Pacaembu); Coop. Agríc. Mista da Zona de Mirandópolis (Mirandópolis); Coop. Agríc. da Região de Adamantina (Adamantina); Coop. Agríc. da Alta Sorocabana (Pres. Wenceslau); e Coop. Agríc. Mista dos Agric. da Reg. de Birigüi (Birigüi).

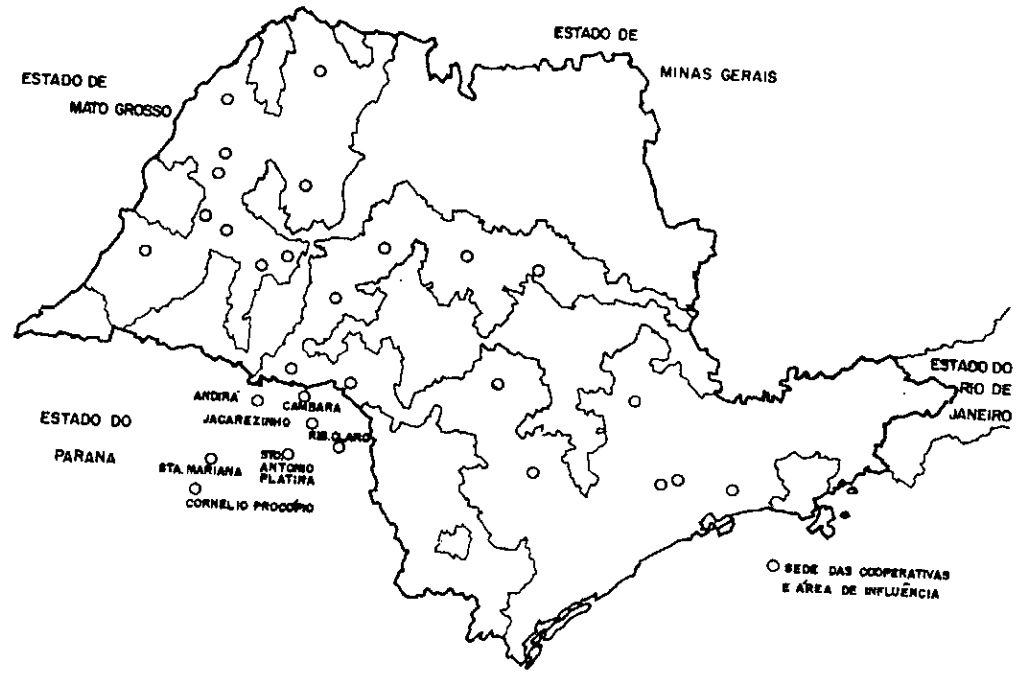


FIGURA 1 - Área de Influência da Cooperativa Central Agrícola de São Paulo.

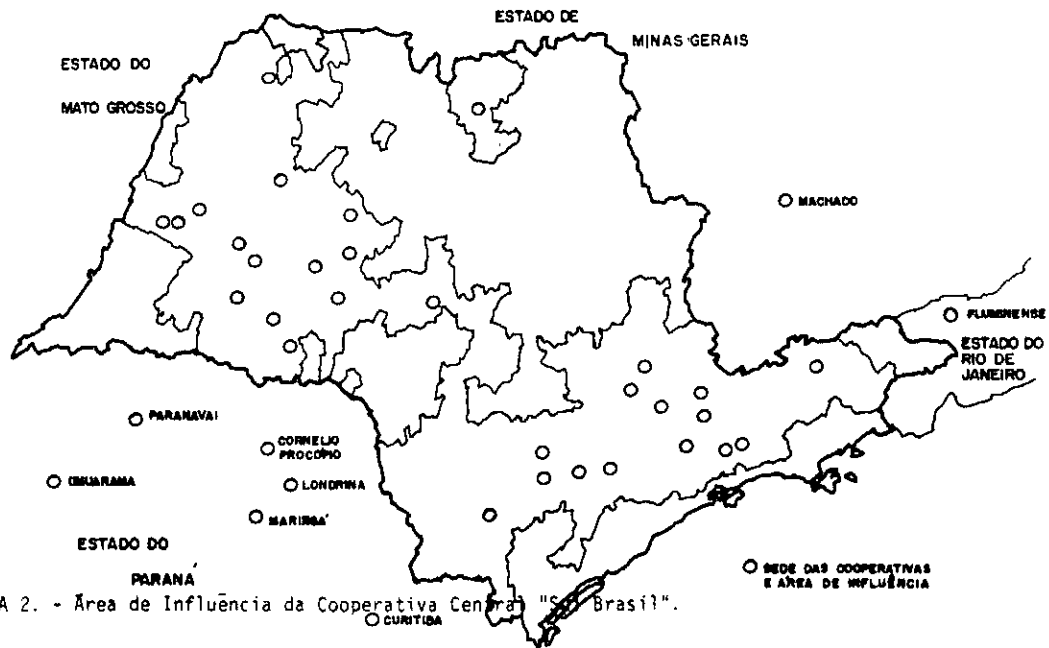


FIGURA 2. - Área de Influência da Cooperativa Central "São Brasil".

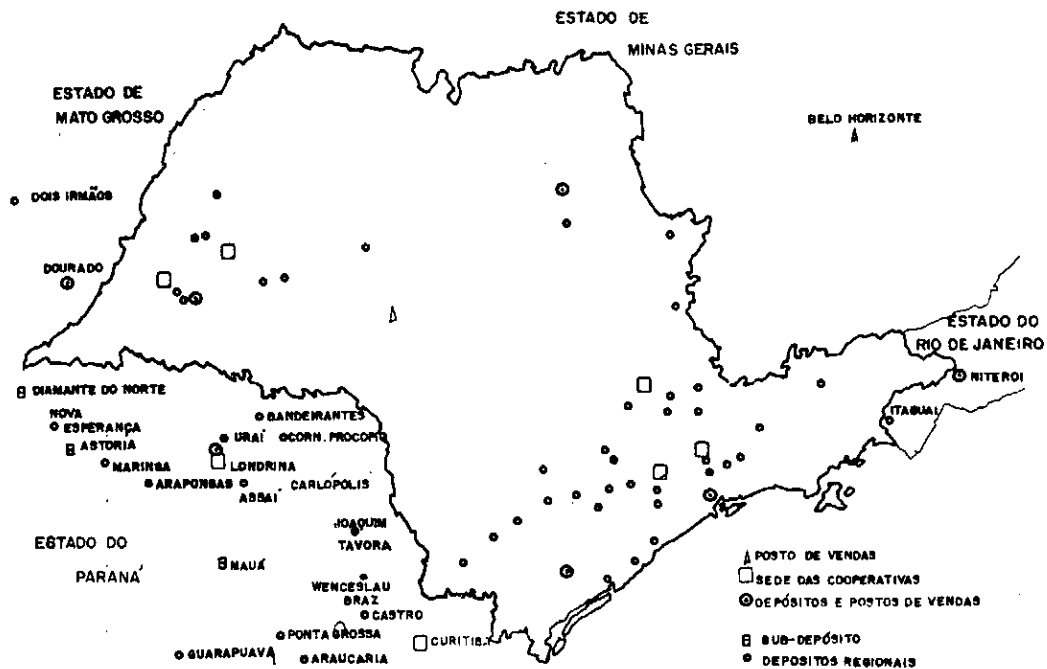


FIGURA 3 - Área de Influência da Cooperativa Agrícola de Cotia - Cooperativa Central.

isoladamente. Os principais produtos vendidos pelas dezesseis associadas foram: ovos (44,66%), algodão (31,26%), café (16,06%) e tomate (6,29%). Foram remetidos e comercializados na Capital produtos no valor de Cr\$61.568.301,00 e vendidos nos municípios-sedes Cr\$9.587.208,00.

A produção vendida pela Central Agrícola de São Paulo constou de 49% de ovos, 33% de algodão, 8% de café e 4% de frutas, totalizando 94% das vendas dessa cooperativa.

b) Central Agrícola Sul-Brasil e associadas: este grupo é composto pela Central e trinta e oito cooperativas de 1º grau ⁽⁴⁾. Esta Central até 1966 era constituída por pequeno número de cooperativas singulares associadas (que praticamente não vendiam através da Central) e mais seis mil associados individuais que remetiam sua produção para a Central através dos depósitos. Com o advento da Lei Federal nº959/66, que regulamentou o funcionamento das Centrais, estes associados individuais foram organizados nas 38 cooperativas de 1º grau. A produção é vendida pela Central e em 1972 constou de 30% de ovos, 28% de café, 14% de frutas, 9% de legumes e verduras, 6% de batata, 1,4% de cereais diversos e 1% de soja, que representam 90% das vendas.

c) Cooperativa Agrícola de Cotia-Cooperativa Central e associadas: este grupo é formado pela Central e oito associadas. Até 1966, a Cooperativa Agrícola de Cotia, considerada a maior do Estado, com mais de dez mil associados, era uma organização de 1º grau, que recebia a produção dos sócios distribuídos por todo o Estado e também no Norte do Paraná (figura 3).

Esta prática fora permitida pela Lei Federal 581 de 1938, que possibilitou às cooperativas em geral aceitar em seu quadro associativo produtos localizados em municípios muito distantes da sede da cooperativa. A produção desses cooperados era recolhida em depósitos e destes remetida para a Cooperativa na Cidade de São Paulo. Com a vigência da Lei 59/66, os associa

(4) As associadas da Central Agrícola "Sul Brasil", localizam-se nos seguintes Municípios: Araçatuba, Assis, Barretos, Bastos, Bauru, Campinas, Cornélio Procopio (PR), Curitiba (PR), Dracena, Fluminense (RJ), Guaiabá, Guapiara, Indaiatuba, Irapuru, Itapetininga, Jales, Jundiá, Londrina (PR), Machado (MG), Mairiporã, Marília, Maringá (PR), Moji das Cruzes, Oswaldo Cruz, Pacaembu, Paraguaçu Paulista, Paranavai (PR), Piedade, Pilar do Sul, Pindamonhangaba, Pompéia, Promissão, Rancharia, São Miguel Arcanjo, Suzano, São Paulo, Umuarama (PR).

dos individuais foram agrupados em oito cooperativas de 19 grau ⁽⁵⁾, e a sede da Agrícola de Cotia, na Cidade de São Paulo, transformada em Cooperativa Central. A produção vendida pela Central constou de 18% de batata, 16% de café, 14% de ovos, 9% de aves, 8% de soja e derivados, 8% de verduras, 7% de frutas, 6% de algodão, 5% de amendoim, 5% de tomate, 3% de cereais e 2% de bananas, totalizando 83% das vendas.

- Cooperativas Independentes

Estas formam um grupo de vinte e cinco cooperativas agrícolas mistas do Estado, não associadas a centrais ⁽⁶⁾. Entre elas, onze mantiveram ativo o setor de vendas no ano de 1972, sendo os principais produtos vendidos: legumes e hortaliças (19,67%), algodão (19,63%), ovos (17,82%), café (11,91%), feijão soja (8,04%) e frutas (3,12%). Algumas dessas organizações possuem postos de vendas na Capital, outras preferem entregar seus produtos a revendedores, em seu município-sede ou em localidades maiores. De modo geral, o grupo é constituído de antigas organizações, bem assessoradas, que iniciaram seu movimento comercial aproveitando-se das isenções tributárias, que vigoraram até 1967, e imobilizaram os impostos retidos em prédios, instalações e outros bens que muito valorizaram e hoje permitem o razoável funcionamento da organização. Estas cooperativas, do mesmo modo que boa parte das associadas

(5) Associadas da Coop. Agrícola de Cotia-Cooperativa Central: Cinturão Verde (São Paulo), Norte de São Paulo (Campinas), Oeste de São Paulo (Adamantina), Sudoeste de São Paulo (Cotia), Norte do Paraná (Londrina), Sul do Paraná (Curitiba), Rio de Janeiro (Rio de Janeiro), e Sul Mato grossense (Dourados-MT).

(6) Cooperativas independentes: Coop. Agríc. Mista de Adamantina (Adamantina), Coop. Agríc. Mista Granja Bastos (Bastos), Coop. Agríc. Mista de Caconde (Caconde), Coop. Agrícola Mista de Catanduva (Catanduva), Coop. Agríc. de Pedrinhas (Cruzália), Coop. Agríc. Mista do Vale do Mogiguaiçu Ltda. (Descalvado), Coop. Agríc. Mista dos Produtores de Fernando Prestes Ltda. (Fernando Prestes), Coop. Agríc. Mista de Itajobi (Itajobi), Coop. Agríc. de Limeira (Limeira), Coop. Agríc. Mista de Mairinque Ltda (Mairinque), Coop. Agríc. Mista da Colônia Riograndense (Maracá), Coop. Agríc. Mista Norte de São Paulo Ltda. (mogi das Cruzes), Coop. Regional Agríc. Mista Itapevi Ltda. (Mogi das Cruzes), Coop. Mista Agro-Mogi Ltda. (Mogi das Cruzes), Coop. Agríc. Mista de Nova Odessa (Nova Odessa), Coop. dos Agricultores de Região de Orlandia Ltda. (Orlândia), Coop. Agríc. Mista de Pindorama (Pindorama), Coop. Agríc. Mista de Presidente Prudente (Presidente Prudente), Coop. Agríc. Mista de Ribeirão Bonito (Ribeirão Bonito), Coop. Agríc. Mista Fazenda Venerando (Consumo) São José do Rio Pardo; Coop. Agríc. Riopardense (Consumo) (São José do Rio Pardo), Coop. Paulista de Agricultores (São Paulo), Coop. Agríc. Regional de Mauá (São Paulo), Coop. Agríc. Mista de Tambaú (Tambaú), e Coop. dos Agricultores de Timburi (Timburi).

ãs Centrais, se organizaram com a finalidade de promover a comercialização de produtos destinados ao abastecimento da Cidade de São Paulo.

6.2 - Laticínios

Depois das Agrícolas Mistas, a categoria de Laticínios é a que apresenta maior índice de vendas em comum no ano de 1972. Esta categoria é formada por: a) Cooperativa Central de Laticínios e suas associadas; e b) Cooperativas Independentes (quadro 6 e figura 4) (7).

a) Central de Laticínios do Estado e associadas: este grupo é constituído por 27 cooperativas, sendo 26 regionais associadas de 1º grau e mais a Central que se localiza na Cidade de São Paulo. As regionais têm por finalidade receber o leite dos produtores e refrigerá-lo para imediata remessa à Central, sendo a distribuição local e a produção de derivados de pequeno vulto, se comparadas com a quantidade de leite enviada para beneficiamento ou industrialização na Usina Central ou em sua fábrica de derivados. É grande o volume de leite operado pelas regionais, pois as três maiores cooperativas deste grupo operam com média de cerca de 97.666 litros diários, por cooperativa; três operam com média de 57.768 litros; oito cooperativas contribuem com média de 34.687 litros diários e as demais com menor quantidade, variando de 8.960 e 22.553 litros, em média, por dia e por cooperativa. A quantidade de leite vendido pela Central, em 1972, atingiu o montante de 269.277.291 litros, tendo as cinco associadas mineiras contribuído com 53.061.450 litros.

No passado, o Vale do Paraíba foi praticamente a única zona abastecedora da cidade de São Paulo. No entanto, devido à crescente demanda, ou tras zonas também passaram a remeter para a Capital, o que lhes trouxe enorme progresso. Sua importância como grande centro consumidor fez com que produtores do Sul de Minas também se interessassem pelo envio de leite para a cidade de São Paulo, disso resultando a sua associação não só à Central, mas também a firmas particulares. Entre as regionais que integram a Bacia Leiteira da Cooperativa Central de Laticínios, treze estão sediadas no Vale do Paraíba; três na zona da Mogiana; três na zona servida pela Estrada de Ferro

(7) Pode-se observar no quadro 6 como é pequena a quantidade de leite vendida por outra categoria (Agrícolas Mistas) que não a de Laticínios.

QUADRO 6. - Vendas de Leite pelas Cooperativas de Produtores Agrícolas do Estado de São Paulo, 1972

Item	Quantidade (litros)	%
Cooperativa Singular		
Agrícolas Mistas	4.420.330	1,11
De laticínios, Independente	86.724.018	21,77
De laticínios, Assoc. à Coop. Central	307.247.021	77,12
Subtotal	398.391.369	100,00
Cooperativa Central		
Central de Laticínios do Estado de São Paulo	269.277.291	
Subtotal (1)	269.277.291	
Total (1)	667.668.660	

(1) Neste total está incluído o leite remetido pelas cooperativas singulares à Central, o que ocasionou a duplicidade no total de litros. Excluída essa dupla saída de leite, o total real de leite vendido por cooperativas foi de 429.907.008 litros.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA), a partir de dados primários do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

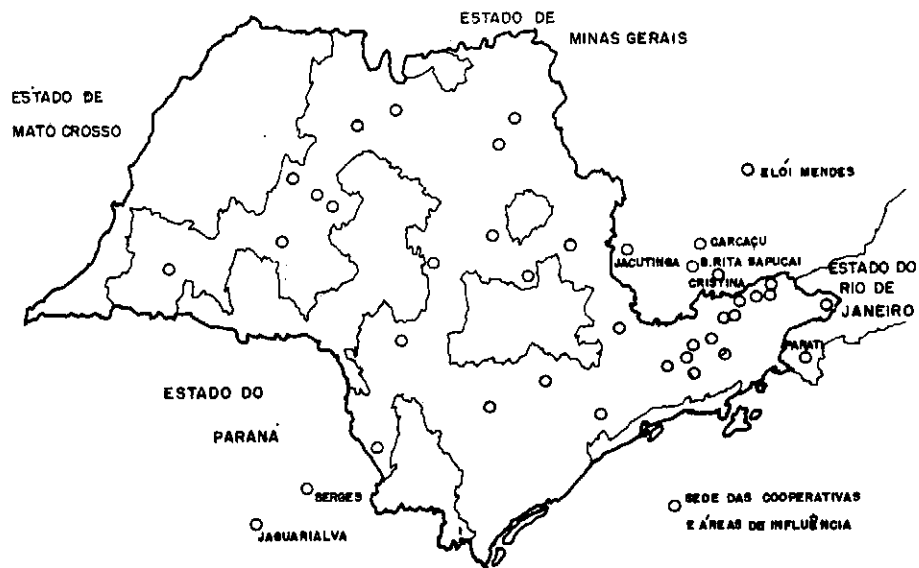


FIGURA 4. - Bacia leiteira das Cooperativas de Laticínios que servem o Estado de São Paulo.

Sorocabana, uma na Paulista e cinco no Sul de Minas Gerais. A zona Norte do Estado (Brodósqui e municípios vizinhos) é a que possui as condições mais adequadas para a exploração de leite. A existência de postos de coleta para resfriamento de leite, distribuídos estrategicamente pelas zonas referidas a cima, é que possibilita a canalização do substancial volume para o centro de consumo.

Na Central, ocorre atividade bem mais complexa do que aquela encontrada nas regionais, porque o leite, recebido em grande quantidade, deve ser pasteurizado e distribuído em poucas horas pelos diferentes pontos da Capital (onde se localiza a Usina Central) e municípios circunvizinhos. Acrescente-se, ainda, que as atividades de beneficiamento, industrialização, comercialização e transporte, relações com órgãos fiscalizadores e de ordem jurídica, financeira e pessoal, necessitam de eficiente estrutura de organização.

A distribuição do leite pela Central de Laticínios, na Capital e municípios circunvizinhos (Guarulhos, Diadema, Santo André, São Bernardo, São Caetano, Osasco) e ainda Santos e São Vicente, é feita por "empreiteiros" ⁽⁸⁾ que em seus caminhões transportadores fazem a entrega (em sacos plásticos de 1 litro de leite "C" e "B" acondicionados em caixas de plástico) ao varejista. A Central não opera postos de vendas, mas utiliza entregas diretas em carreteiras próprias, às repartições do Governo, quartéis, hospitais, escolas etc., em galões de plástico, com 50 litros, lacrados. O comércio varejista é constituído por padarias, supermercados, mercearias, bares e leiteiras.

O interesse da Central tem sido o de aumentar cada vez mais o volume diário do fornecimento de leite "in natura" na Capital e arredores, e para isto adotou uma política agressiva de conquista do mercado, cujos resultados se manifestaram no acréscimo verificado na venda de leite, que subiu de 19,47% em relação à produção do Estado, em 1964, para 49,97% em 1972. Na entressafra, a Central estabeleceu percentagens fixas de entrega do produto aos transportadores, as quais correspondem às médias distribuídas por cada um deles na safra anterior. Foi instituído também um sistema próprio de fiscalização do fornecimento pelos "empreiteiros", o qual mantém a regularidade do serviço, assim como o rigor quanto aos limites geográficos de entrega; ao mesmo tempo, a Central procura estar sempre a par das causas da desistência

(8) Os "empreiteiros" são firmas transportadoras, com zonas exclusivas de fornecimento aos freqüentes aqui incluídos.

de algum varejista descontente, a fim de adotar as medidas corretivas para cada caso.

b) Cooperativas de Laticínios Independentes: este grupo, não associado a qualquer Central, procede ao beneficiamento do leite (pasteurização) sua industrialização (fabricação de queijo, manteiga, etc.) e venda por meios próprios ou através de firmas particulares como a Vigor, Leco, Mococa ou Laticínios Poços de Caldas. A distribuição de Leite "in natura" no município-sede é feita pela própria cooperativa e somente quando este tipo de leite se destina ao abastecimento da Grande São Paulo é que essas cooperativas se utilizam das firmas particulares. As Independentes de Laticínios contribuíram com 28% de todo o leite "in natura" ou industrializado fornecido por cooperativas do Estado (9).

6.3 - Cafeicultores

Esta categoria teve o seu movimento intensificado a partir de 1954, quando passou a receber duas ordens de vantagens: a primeira, do Governo Estadual, através da Lei 2855/54, que consistia na devolução pela Fazenda do Estado às cooperativas, de 50% do imposto pago na comercialização de seus produtos; a segunda, foi propiciada pelos empréstimos concedidos pelo Instituto Brasileiro do Café, a juros baixos, de 7% ao ano e ao longo prazo de 6 anos, com destinação específica para instalação de máquinas de beneficiamento, armazenamento e outras etapas da melhoria do produto e sua industrialização.

O objetivo principal da fundação de uma cooperativa de café tem sido atender às necessidades de preparar o café e melhorá-lo para fins de ex

(9) Cooperativas de Laticínios Independentes: Coop. de Laticínios da Serra Ltda. (Itapeçerica da Serra), Coop. Agropecuária do Vale do Paraíba (Cruzeiro), Coop. de Laticínio de Itararé, Coop. de Laticínios de Sorocaba, Coop. Agropecuária Belgo-Brasileira (Botucatu), Coop. de Laticínios de Rio Claro, Coop. Campineira dos Produtores de Leite A e B Ltda. (Campinas), Coop. Regional Agropecuária de Brodósqui Ltda. (Ribeirão Preto), Coop. de Laticínios Linense Ltda. (Lins), Coop. Agropecuária de Jau Ltda. (Jau), Coop. de Laticínios de Promissão, Coop. de Laticínios de Olímpia Ltda. (Olímpia), Coop. de Laticínios da Região de São José do Rio Preto, Coop. Agropecuária da Região de Penápolis, Coop. de Laticínios do Vale do Paranapanema (Presidente Prudente) Coop. Regional Agropecuária de Novo Cravinhos (Pompéia) e Coop. de Laticínios Latvia de Varpa (Tupã).

portação, operações que exigem grande investimento de capital, de difícil alcance a cada sítio ou fazendeiro.

Pelo quadro 7 e figura 5 pode-se observar como se acham estruturadas as cooperativas de Cafeicultores do Estado, distribuídas em três grupos distintos: a) Cooperativas Independentes; b) grupo formado pelas associadas da Central de Cafeicultores da Mogiana; e c) grupo constituído pelas associadas à Central da Alta Paulista. Com menor movimento individual, mas também contribuindo substancialmente para a comercialização cooperativista do café, situam-se as cinco principais cooperativas centrais.

a) Cooperativas de Cafeicultores Independentes: são aquelas não associadas a Centrais, localizadas geralmente nas "zonas novas" do Estado (Alta Paulista, Alta Noroeste e Alta Sorocabana), ou seja, no oeste paulista. Desse grupo destacam-se, no volume de vendas em comum, a Cooperativa Agrária dos Cafeicultores do Sul de São Paulo, sediada no município de Parapuã, que vendeu 86.024 sacas de café beneficiado, seguida pelas Cooperativas de Cafeicultores da Alta Araraquarense (São José do Rio Preto) e de Cafeicultores da Média Araraquarense (Catanduva), que comercializaram 43.935 e 33.344 sacas, respectivamente. No ano de 1972, as Cooperativas Independentes venderam 223.795 sacas de café atingindo 25% do total de sacas comercializadas por cooperativas singulares da categoria de Cafeicultores.

b) Cooperativa Central da Mogiana e associadas: esta Central tem sua sede na cidade de São Paulo e foi fundada em 1959. Congrega o maior agrupamento de cooperativas de cafeicultores do Estado (quatorze regionais paulistas), localizadas em sua maioria na área de influência da Estrada de Ferro Mogiana, e mais oito cooperativas de cafeicultores sediadas no vizinho Estado de Minas Gerais. Entre as regionais paulistas, destaca-se a Cooperativa Agrícola da Zona de Jaú, que vendeu 76.443 sacas, correspondendo a 27% do grupo. No total, o grupo contribuiu com 32% de sacas vendidas pelas cooperativas singulares da categoria.

c) Grupo da Central Agrária da Alta Paulista: congrega seis cooperativas de 1º grau e mais a Central, localizada na zona de Garça. Nesse grupo, destacou-se a Cooperativa de Cafeicultores da Região de Garça que contribuiu com 176.903 sacas, seguida pela Cooperativa dos Cafeicultores da Zona de Vera Cruz com 98.000 sacas. Estas duas regionais participam com 73% do café vendido pelo grupo e 43% do total vendido por cooperativas singulares da categoria de Cafeicultores.

QUADRO 7. - Vendas de Café pelas Cooperativas de Produtores Agrícolas do Estado de São Paulo, 1972

(em sacas de 60kg)

Item	Quantidade	%
Cooperativas Singulares		
Cooperativas independentes	223.795	25,55
Coop. Assoc. da Central Agrária Alta Pta.	372.924	42,57
Coop. Assoc. da Mogiana Coop. Central	279.269	31,88
Subtotal	875.988	100,00
Cooperativas Centrais		
Central Agrária da Alta Paulista	189.974	27,51
Central Agrícola de Cotia	200.362	29,02
Central Agrícola Sul Brasil	186.012	26,94
Central Agrícola de São Paulo	28.400	4,11
Central Agropecuária de Campinas	85.700	12,42
Subtotal	690.448	100,00
Total Geral (1)	1.566.436	

(1) Nestes resultados, está incluído o café remetido pelas cooperativas singulares à Central, o que ocasionou a duplicidade no total das sacas. Excluída essa dupla saída de café, o total real de café beneficiado vendido por cooperativas foi de 1.248.995 sacas.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA) a partir de dados primários do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

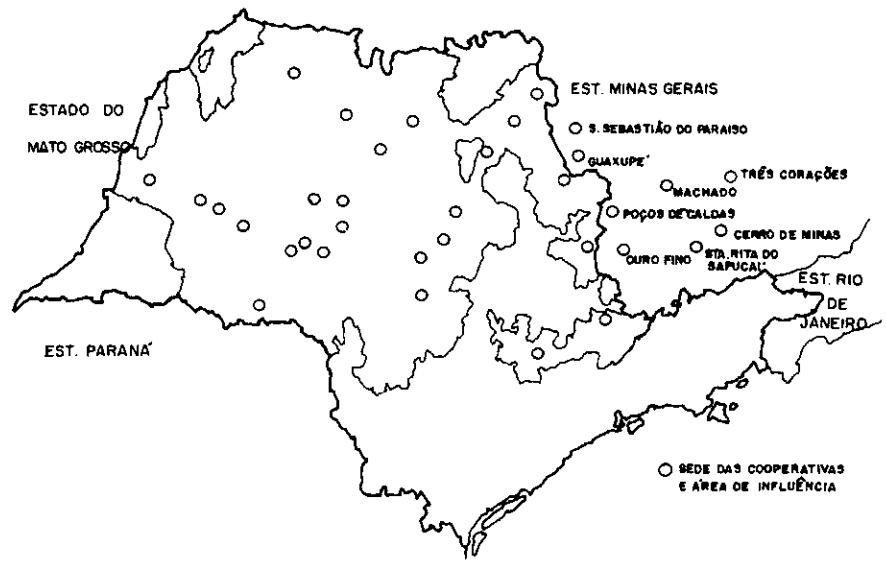


FIGURA 5. - Área de Influência das Cooperativas de Cafeicultores que atuam no Estado de São Paulo.

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da análise indicam que houve modificações na estrutura de produtos comercializados pelas cooperativas agrícolas do Estado. Pois, embora os três produtos mais vendidos por cooperativas em 1972, sejam constituídos ainda por leite, café e ovos, as porcentagens relativas entre os anos 1964 e 1972 mostram que novos produtos vieram aumentar as vendas no período, destacando-se soja e trigo com aumento de 8.839% e 8.192%, respectivamente.

Outra modificação ocorreu nas vendas por cooperativas singulares e centrais, tendo as posições se invertido, pois em 1964 as singulares venderam 147% a mais que as Centrais, enquanto em 1972 as Centrais venderam 11% a mais que as singulares. Este fato, é necessário lembrar, deve-se às modificações ocorridas com as normas introduzidas pela Lei Federal 59/66, que levou as Cooperativas Agrícola de Cotia e Agrícola "Sul-Brasil" a se transformarem em Cooperativas Centrais, redistribuindo seus sócios em 38 cooperativas singulares.

No ano de 1972, as cooperativas de produtores apresentaram um aumento de 29% nas vendas em comum, relativamente a 1964, enquanto, no mesmo período, a produção agrícola do Estado cresceu 63%. Esse aumento de 29% poderia ser considerado satisfatório, não fossem alguns fatores que demonstram as tendências que persistem na comercialização cooperativista, a saber: a) do total de produtos agrícolas do Estado vendidos por cooperativas, em 1972, 35% referem-se às vendas procedidas pela Cooperativa Agrícola de Cotia-Cooperativa Central e associadas; b) somando-se o montante acima com as vendas da Central Agrícola "Sul Brasil" e associadas, tem-se 41% do total das vendas das cooperativas de produtores do Estado; c) os 59% restantes foram comercializados por 140 cooperativas de produtores, das quais, apenas 131 tiveram o setor de vendas funcionando em 1972; d) no período 1964-72 o número de cooperativas de produtores diminuiu de 12% excluídas as associadas da Central Agrícola de Cotia (8 cooperativas) e da Central Agrícola "Sul Brasil" (38 cooperativas), organizadas por força da Lei 59/66.

Resta ainda observar que o fato da maior importância na vida das cooperativas paulistas foi, sem dúvida, o impacto provocado no seu desenvolvimento pela implantação da nova legislação tributária, que equiparou as cooperativas a qualquer empresa mercantil com referência à tributação das suas operações. Esse assunto, porém, devido à sua complexidade e implicação com

outras medidas de caráter fiscal, merece uma análise mais detalhada, a qual deverá ser objeto de estudo específico.

LITERATURA CITADA

1. ARRUDA, Anna P. R. O cooperativismo na comercialização de produtos agropecuários no Estado de São Paulo. Agric. em São Paulo, 16 (7/8):13-62 jul./ago. 1969.
2. FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN. Cooperativas na comercialização de produtos agrícolas. Lisboa, Centro de Estudos de Economia Agrária, 1967.
3. MIRANDA, Marinez A. L. Floricultura: diagnóstico da situação e medidas corretivas. Campinas, Secretaria da Agricultura, CATI, 1972.
4. MORICOCCHI, L. et alii. Situação da pecuária leiteira em São Paulo. Agricultura em São Paulo, 20 (1/2): 1-42, 1973.
5. NEVES, Evaristo M. Resultado econômico da cultura de trigo na Região de Assis, agosto de 1974. Informações Econômicas, São Paulo, 4 (8):e-1, ago. 1974.
6. PINHO, Diva B. Cooperativas e desenvolvimento econômico. São Paulo, Fac. de Filosofia, Ciências e Letras-USP, 1963. 150p.
7. SÃO PAULO. Secretaria da Agricultura. Instituto de Economia Agrícola. Prognóstico, 1973/74. São Paulo, 1974. p. irreg.

SECRETARIA DA AGRICULTURA
INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA

Comissão Editorial:

Coordenador: P. D. Criscuolo

Membros: A. A. B. Junqueira

I. F. Pereira

P. F. Bemelmans

P. E. N. de Toledo

F. A. Pino

S. Nogueira Jr.

Centro Estadual da Agricultura
Av. Miguel Estefano, 3900
04301 - São Paulo - SP

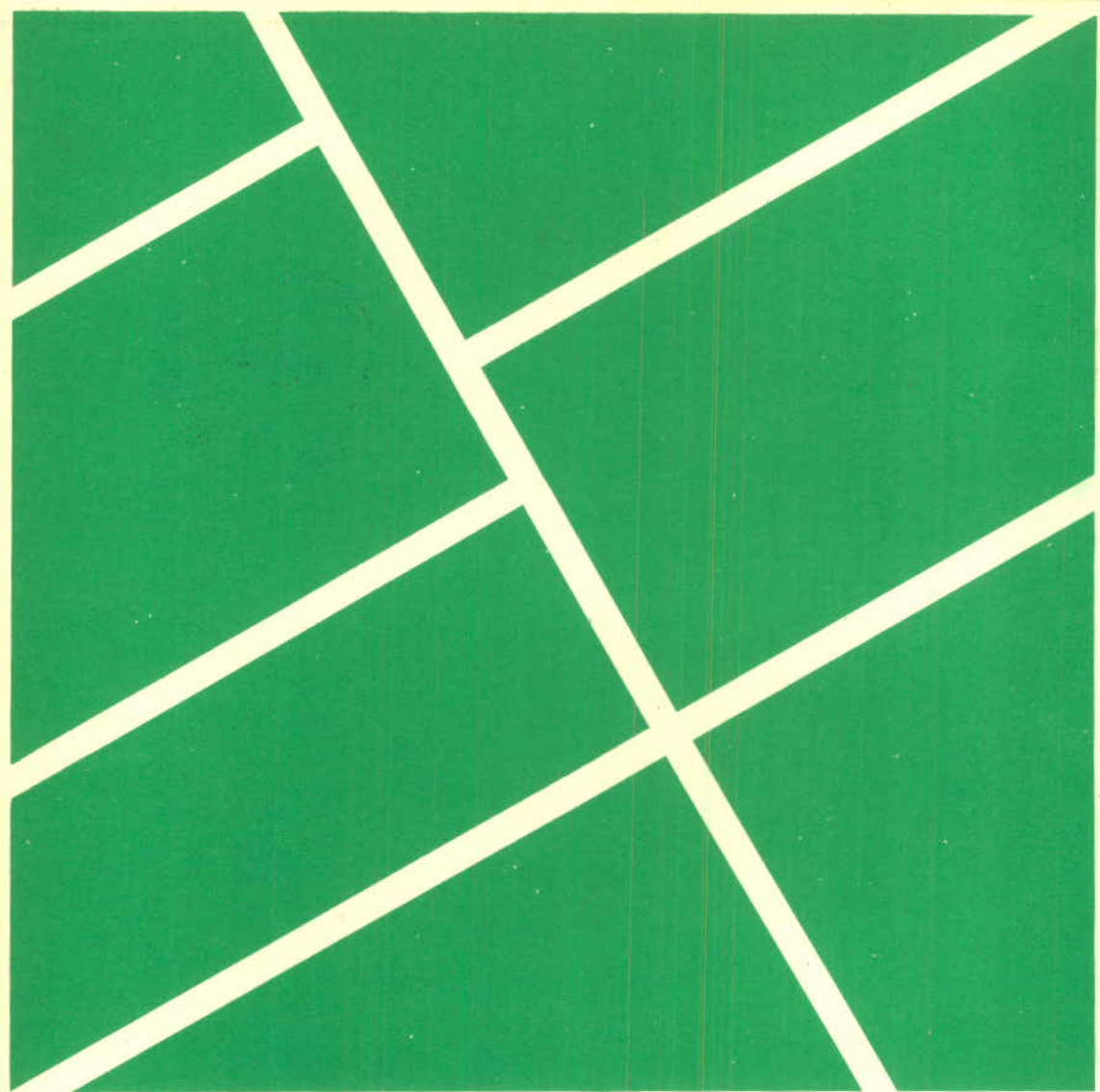
Caixa Postal, 8114
01000 - São Paulo - SP
Telefone: 275-3433 R.259



Impresso no Setor Gráfico

I E A

Av. MIGUEL ESTEFANO, 3900 — São Paulo S.P.



**Relatório de Pesquisa
Nº 18/79**

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Agricultura
Instituto de Economia Agrícola

CAPA IMPRESSA NA
IMPRESA OFICIAL DO ESTADO S/A - IMES